

Badi Assad – Os pés no Brasil, os olhos no mundo

ENTREVISTA: FELIPE TADEU*

Darmstadt, Alemanha - A violonista, cantora e compositora Badi Assad lançou há pouco no Brasil „Verde“, sexto trabalho de uma discografia iniciada nos Estados Unidos, onde Badi morou por quatro anos. Ano passado, ela tomou a importante decisão de voltar a viver na terra natal e gravar seu novo disco, que contou com a participação do grande Naná Vasconcelos, dentre outros.

Em excursão recente pelo continente europeu, ora com o espetáculo „Three Guitars“ ao lado dos guitarristas norte-americanos Larry Corryel e John Abercrombie, ora com sua própria família de músicos, Badi passou pela cidade de Darmstadt, Alemanha, onde vive nosso colaborador Felipe Tadeu. Depois de ter se apresentado na Centralstation junto a Corryel e Abercrombie, ela concedeu uma entrevista exclusiva para Tópicos.

Tópicos: Você lançou o álbum „Verde“ depois de ter vivido uma boa temporada no exterior. Como é que você encara o fato de ser bem mais conhecida pelos estrangeiros, do que pelos brasileiros?

Badi Assad: Um dos motivos que me fizeram voltar dos Estados Unidos para o Brasil foi porque sempre senti falta para a minha

história de ter uma carreira firme. Eu não digo ser conhecida, mas ter uma carreira estabelecida, oportunidade que eu ainda não tinha tido. Quando eu comecei profissionalmente na música, já fui assinando contrato com uma gravadora dos Estados Unidos. Meus discos quase não chegavam ao Brasil, só tendo distribuição muito pequena, via importação. E chegavam sempre muito caros, só para algumas lojas de São Paulo e do Rio de Janeiro, e com tudo escrito em inglês. Com o tempo, é claro, eu passei a trabalhar mais e mais fora do país, o que era um incômodo. Então um dia, eu falei para mim: está na hora de voltar para o Brasil e trabalhar lá. E voltei.

Tópicos: Como o „Verde“ foi recebido pela crítica especializada brasileira? Os jornalistas costumam ser mais rigorosos com você pelo fato de Badi vir de uma bem sucedida experiência no exterior?

Badi Assad: O disco tem sido até agora muito bem recebido. Eu o gravei no Brasil, com músicos brasileiros, e „Verde“ acabou se tornando o trabalho mais brasileiro de todos que eu já fiz. Lancei o álbum em São Paulo (cidade onde Badi vive) em três noites, cada uma delas tendo uma participação especial. Na primeira teve o, na segunda foi com Naná Vasconcelos, e na última noite tivemos o Cordel do

Fogo Encantado. Interessante é que o show era basicamente o mesmo, baseado no disco „Verde“, mas com as distintas participações, cada noite nos levou para um universo diferente. Eu adoro essa possibilidade de me camaleonizar. Com Toquinho foi mais bossanova, com Naná a viagem foi total, e com o Cordel do Fogo Encantado o bicho pegou!

Tópicos: Você é uma violonista com alma de percussionista. Quem já teve oportunidade de ver você no palco, sabe dos sons que você tira do próprio corpo e dos efeitos vocais com que você brinca. Imagina-se que Naná Vasconcelos seja uma das grandes influências musicais da sua vida, certo?

Badi Assad: Eu acho que Naná Vasconcelos influencia todos os tipos de músicos, não somente aqueles mais chegados à percussão. Ele tem uma visão das coisas incrível. Há um disco dele chamado „Contando Estórias“ que tem umas composições e arranjos maravilhosos. Ele conhece muito bem a importância do silêncio, sabe usá-lo. Eu acho que foi justamente isso o que mais aprendi com ele.

Tópicos: Além do próprio Naná, O Cordel do Fogo Encantado também gravou no „Verde“. De quem partiu a idéia de convidar o Cor-

del para atuar no disco? Foi Naná Vasconcelos, produtor do prestigiado álbum de estréia da banda?

Badi Assad: Eu só fui saber que Naná produziu o primeiro disco do Cordel no meio do processo de realização do „Verde“. A idéia de chamar o Cordel surgiu porque eu queria abrir o álbum com algo muito brasileiro. Conversando com meu empresário no Brasil, Tony Tomé, ele me falou do grupo, com o qual ele já tinha trabalhado algumas vezes. Aí fui assistir um show deles e...nossa senhora! Eu pensei, são eles. O texto que o Lirinha fala no disco foi escrito por ele no estúdio. Ele escutou a música, conheceu o que a gente ia fazer e se inspirou. Escreveu, gravou e ficou maravilhoso. O Naná, por sinal, só ficou sabendo que o Cordel do Fogo Encantado estaria no disco quando ele chegou no estúdio.

Tópicos: Você é uma artista que circula bem na cena do jazz, mas não perde a música popular do Brasil de vista.

Badi Assad: É engraçado, mas eu não sou uma pessoa do universo do jazz, eu tenho mais da bossanova. Agora, pelo fato de ser conhecida como brazilian jazz, acaba passando um pouco essa idéia. Eu comecei como violonista erudita e, na época, me distanciei um pouco dessa realidade „popular“. Mas com o tempo, eu fui acrescentando outros elementos na minha música e hoje meu coração é totalmente música popular. Quando eu morei nos Estados Unidos, tive oportunidade de conhecer, por exemplo, Tori Amos e Björk, artistas pelas quais me apaixonei. Foi também quando

comecei a escutar Led Zeppelin, pois antes eu estava muito nesse universo de música instrumental. Quando eu e o Jeff (Jeff Scott Young, ex-marido de Badi que chegou a ser guitarrista do Megadeath) estávamos juntos, a gente escutava muita música flamenca. Foi com ele que conheci essas pessoas todas que acabaram me ajudando muito no sentido de abrir as coisas para mim. Essa estadia nos Estados Unidos foi muito importante para mim nesse sentido. Eu era muito preconceituosa e me tornei bem mais aberta para o lado do não-virtuosismo, de se fazer a música mais pelo sentimento mesmo.

Tópicos: Você teve há alguns anos distonia focal, doença que te impediu de tocar violão por um bom tempo. Você acha que a Badi cantora saiu de alguma forma mais madura, fortalecida dessa fase delicada?

Badi Assad: Saiu. Durante um tempo não existia violão para mim. Seria o fim? Aí eu pensei, não, um momento: a música existe em mim, e não no instrumento! E sem o violão, eu sou o que? Eu canto, posso escrever, fazer outras coisas. A minha maturidade como cantora foi então aparecendo, criando asas até que se libertou.

Tópicos: Você ainda sente algum tipo de limitação psicológica ao tocar violão hoje em dia, com receio da distonia voltar?

Badi Assad: Sabe os desenhos animados? De um lado da nossa cabeça tem um anjinho, do outro o diabinho. Eles estão sempre ali, te rondando. Mas a decisão para quem você dará ouvidos é sua.

Tópicos: Sua carreira internacional começou a deslanchar quando você assinou com a Chesky Records. Como é que você chegou até eles?

Badi Assad: Eu não me lembro em que ano foi direito, mas eu fiz uma demo e estava procurando gravadora no Brasil, e essa fita, claro, foi parar nas mãos dos meus irmãos (Duo Assad). Sérgio e Odair conheciam um luthier que era muito amigo de David Chesky. Foi dessa forma que eles levaram o trabalho para o David. Ele ouviu tudo e achou interessante. Naquela época, por coincidência, Norman Chesky estava indo para o Brasil, já que eles tinham assinado também com a Ana Caran. Nessa viagem dele para lá, tive oportunidade de tocar para ele e, duas semanas depois, estava chegando o contrato da gravadora. Aí, claro, abracei o contrato e começou esta história toda.

Tópicos: Em 2005, Badi Assad estará em plena excursão pela Europa, fazendo a divulgação do „Verde“. Você também anda com planos de se tornar mãe. Será que você vai deixar de ser considerada, ainda no meio desta turnê, uma one woman band, e aparecer de barriguinha pelos palcos?

Badi Assad: Em dezembro, eu irei me casar com uma pessoa conivente com isso tudo, que é o Dimitri, um grego-americano que vai estar na estrada comigo. A partir daí, a gente vai criar uma história, vamos ver. Eu me imagino tocando e cantando grávida pelos palcos, sim. Música e gravidez podem coexistir sem problemas. ■

**Brasilkult@aol.com*